

## Figurações docentes: entre desobediências, sementes e desejos de potência

**Cristiane Bremenkamp Cruz**<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Pará

**Fabio Hebert da Silva**<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Espírito Santo

**Maria Carolina de Andrade Freitas**<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Estado de Minas Gerais

**Maria Elizabeth Barros de Barros**<sup>4</sup>  
Universidade Federal do Espírito Santo

**Resumo:** A experiência brasileira de estratégias docentes durante a emergência da pandemia do Covid-19 e os modos de enfrentamento à escalada do ultrarreacionarismo e das práticas fascistas nas escolas foi a temática deste artigo que recolhe fragmentos dessa experiência, criando um arquivo de memória que se instalam no acaso e no instante, no agora, entendendo que a memória confere sentido às experiências. Pensa a docência em tempos de pandemia e fascismo tropical e cria figuras outras para docentes.

**Palavras-chave:** trabalho docente; memória; figuração.

<sup>1</sup> Professora adjunta na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Pará (Campus Bragança) e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPA (Campus Belém). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Mestre em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

<sup>2</sup> Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (2004), mestrado em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (2008), doutorado em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (2011). Professor Associado do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo.

<sup>3</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), mestre em Psicologia Institucional pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); especialista em Saúde Mental pelo Centro Universitário Newton Paiva. Professora da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG/Unidade Divinópolis), na área de Fundamentos e Intervenções em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aprendizagem.

<sup>4</sup> Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1975), mestrado em Psicologia Escolar pela Universidade Gama Filho (1980) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1995).. Atualmente é professora titular da Universidade Federal do Espírito Santo.

## **Teacher figures: between disobedience, seeds and the power desire**

**Abstract:** The Brazilian experience of teaching strategies during the emergence of the COVID-19 pandemic and the ways of confronting the ultra-reactionaryism and fascist practices in schools were the theme of this article, which collects fragments of this experience and creates a memory archive, understanding that memory gives meaning to the experience. It aims to think about teaching in times of pandemic and tropical fascism and to create other figures for teachers.

**Keywords:** teaching work; memory; figuration.

## **Figuras docentes: entre la desobediencia, las semillas y los deseos de poder**

**Resumen:** La experiencia brasileña de enseñanza durante el surgimiento de la pandemia de Covid-19 y las formas de enfrentar las prácticas ultrarreaccionistas y fascistas en las escuelas fue el tema de este artículo, que recopiló fragmentos de la experiencia, creando un archivo de memoria, entendiendo que la memoria da sentido a las experiencias. Piensa la docencia en tiempos de pandemia y fascismo tropical, y crea otras figuras para los docentes.

**Palabras clave:** trabajo docente; memoria; figuración.

**E** stávamos já em 2022. A evolução do novo Coronavírus (Covid-19), considerada uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, diminuía. Os números oficiais, indicando queda significativa do número de casos da doença, apontavam uma redução na extensão da pandemia. No Brasil, vivemos um verdadeiro pandemônio político, que teve como linha mestra as práticas fascistas espalhadas no tecido social brasileiro e, principalmente, como fluxo cotidiano e impessoal de modos de existência. Fascismo micropolítico, “inseparável de focos moleculares, que pululam e saltam de um ponto a outro, em interação” (DELEUZE e GUATTARI, 1996: 92) e que se faz, portanto, também como microfascismo.

Dizendo do contexto educacional, passamos a acompanhar, de modo crescente, a emergência de ataques violentos. Ataques estes realizados, em geral, por estudantes brancos cisgêneros com armas de fogo e outros artefatos, tendo como alvo a comunidade escolar. De acordo com o relatório intitulado “O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil: ataque às escolas e alternativas para a ação governamental” (2022) publicado pela Campanha Nacional Pelo Direito à Educação no âmbito da transição governamental para a gestão Lula-Alckmin, os eventos de violência às escolas no Brasil começaram a acontecer na primeira década dos anos 2000 (antes desse período não havia registro deste tipo de ataque) e se intensificaram nos últimos anos, favorecidos pela política de armamento da população civil adotada pelo Governo Bolsonaro, a exemplo do Decreto 9.847/2019.

Diante da gravidade do fenômeno e da necessidade de propor ações de enfrentamento às práticas fascistas nas escolas brasileiras, o objetivo do relatório foi apresentar, em linhas gerais, como os ataques violentos às escolas estão relacionados à escalada do ultraconservadorismo/extremismo de direita no país e à falta de monitoramento e/ou criminalização desses discursos e práticas, bem como de sua difusão através de meios digitais (RELATÓRIO, 2022).

Nessa conjuntura, é importante sublinhar, ainda, como a proposta do Novo Ensino Médio (NEM) contida na lei 13.415/2017<sup>5</sup> e sancionada pelo então presi-

<sup>5</sup> A atual proposta de reforma do Ensino Médio expressa na Lei 13.415 de 16.2.2017 promoveu alterações radicais na proposta da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) relativamente a essa etapa da Educação Básica. Nesta proposta de lei afirma-se que “os componentes curriculares de Educação Física, Artes, Sociologia e Filosofia, poderão, de acordo com o §2 do artigo 35-A da Lei, fazer-se presentes obrigatoriamente nos currículos escolares, todavia, apenas sob a forma de estudos e práticas” (FERRETI, 2018: 30).

dente Michel Temer (após o golpe que destituiu a democraticamente eleita presidenta Dilma Rousseff) faz parte de uma engrenagem de violência às escolas, por causar prejuízos à educação pública brasileira reduzindo gradativamente a presença dos componentes curriculares de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (Geografia, História, Filosofia e Sociologia) na formação de jovens estudantes. Os Percursos Formativos apresentados nesta proposta de reforma curricular, da maneira como são propostos e sem o devido diálogo com as comunidades escolares, apontam para uma perspectiva tecnicista da educação, e são insuficientes para avançar na construção de ideias de respeito aos direitos humanos e no enfrentamento às diversas formas de discriminação.

Em suma, a complexidade que envolve as práticas de violência às escolas na contemporaneidade requer uma revisão crítica e sistemática da proposta de lei 13.415/2017 (Novo Ensino Médio), além de ações intersetoriais de enfrentamento à escalada de atentados contra as escolas.

Deste modo, o relatório produzido no âmbito da Campanha Nacional Pelo Direito à Educação e apresentada à gestão Lula-Alckmin aponta que a inserção de artefatos de segurança nas escolas, tais como dispositivos de identificação facial, catracas, detectores de metais e seguranças armados, não vai enfrentar o impacto do ultrarreacionarismo extremista nos jovens, e tampouco uma aposta na educação domiciliar ou o investimento na criação de escolas cívico-militares será uma solução para reduzir a onda de violência que temos presenciado.

Em outras palavras, prevenir e impedir os atos de violência às escolas passa por ações extra e intraescolares, com atividades cogidas de diferentes instâncias públicas e, sobretudo, por uma retomada das forças democráticas em nosso país.

A experiência brasileira de estratégias docentes durante a emergência da pandemia, bem como dos modos de enfrentamento à escalada do ultrarreacionarismo e das práticas fascistas nas escolas, não podem cair no esquecimento. Recolher fragmentos dessa experiência para criar um arquivo de memória passa a ser uma tarefa mais ampla do que apenas trazer resquícios de um tempo. Urge tomá-la como fluxos que percorrem os caminhos temporais da memória e se instalam no acaso e no instante, no agora. Mais essencial, portanto, “do que a confluência entre passado e presente é a faísca que se acende no instante, fulgurando lembranças esmaecidas nos subterfúgios do passado” (JESUS, 2011: 11).

A memória torna as experiências inteligíveis, conferindo-lhes significados. Ao trazer o passado até o presente, recria o passado, ao mesmo tempo em que o projeta no futuro; graças a essa capacidade da memória de transitar livremente entre os diversos tempos, é que o passado se torna verdadeiramente passado, e o futuro, futuro. (AMADO, 1995: 132)

Foi a partir deste quadro que escrevemos. Pensar a docência em tempos de pandemia e fascismo tropical, criar figuras outras para docentes, foram algumas inquietações que nos moveram.

A maneira como estavam sendo forjados modos de ser-viver a docência no cenário brasileiro nos preocupava. Consideramos, então, a necessária desconstrução de um sujeito moderno pensado a partir de essências e de uma identidade imutável que se atualiza no ‘corpo docente’<sup>6</sup>. Tal posição crítica pede, necessariamente, a criação de novas figuras de pensamento e ferramentas conceituais para pesquisar os processos de subjetivação, no nosso caso, produção de modos de ser-viver docente que vem se forjando a partir do experimentado em meio ao que foi

<sup>6</sup> Aqui fazemos um jogo com as palavras: o corpo docente que se materializa em cada trabalhadora e o corpo docente como coletivo de ofício.

vivido no Brasil nesse período pandêmico em suas diferentes faces. Não esquecer. Ou, de outro modo, produzir memória.

Nesta perspectiva, o trabalho de Donna Haraway (2013) se constituiu como parceria primorosa. Ao cunhar o termo ‘figuração’, a autora pensa e cria figuras para a subjetividade contemporânea, não apenas como uma estratégia para exercitar a imaginação, visualizar outros-novos contornos à subjetividade, mas, ainda, contribui para a concepção de uma figura inventiva de subjetividade em determinado espaço-tempo. O conceito de figuração a partir do trabalho de Donna Haraway foi usado como ferramenta metodológica para cartografar as linhas do presente e, então, traçar caminhos que pudessem viabilizar as fugas dos padrões metrificadas de subjetivar.

A criação de figurações outras para a subjetividade diz de um comprometimento radical com o propósito de subverter representações e perspectivas acerca da subjetividade humana, especialmente no que tange à subjetividade da mulher-docente.

Talvez pudéssemos dizer que a proposta da pesquisa, que teve esse artigo como um de seus produtos, foi recusar um certo mandato social para pesquisadores e pesquisadoras do campo da produção de subjetividade. A criação de figurações outras para a subjetividade é uma estratégia política e epistemológica que visa produzir ficções políticas para desontologizar o sujeito (PRECIADO, 2011) e refigurar a mulher; não como outro do homem, mas como um Outro múltiplo e deslizante.

Haraway (2013: 37) cria a figura do ciborgue “como uma ficção que mapeia nossa realidade social e corporal e também como um recurso imaginativo que pode sugerir alguns frutíferos acoplamentos”. Os modos representacionais de pensar os processos de subjetivação estão, assim, sendo indagados.

A partir de um mundo estruturado por tecnologias diversas, uma subjetividade ciborgue vai se compondo por meio de conexões e vizinhanças, mas, também, por dissensos e dessemelhanças. “Longe de assinalar uma barreira entre as pessoas e os outros seres vivos, os ciborgues assinalam um perturbador e prazerosamente estreito acoplamento entre eles” (HARAWAY, 2013: 40).

Assim, a figuração como variação do corpo/subjetividade ciborgue estaria inscrita num tempo de práticas bio/necropolíticas, buscando ultrapassar os limites do presente na medida em que busca explorar novos-outros contornos para este agora. Ao recusar e (re)existir em vestir modos de subjetividade prêt-à-porter, que nos chegam prontas, acabadas, insinua-se a possibilidade de criação de um corpo-plástico-elástico-mutante que possa conjugar linhas de subjetivação, explorando e privilegiando a dimensão de uma plasticidade conectiva e performática do corpo.

Em um contexto biopolítico, o ciborgue de Haraway se perfila como subjetividade estratégica no sentido de que as subjetividades são sempre múltiplas. Ciborgues docentes, uma concepção pós-identitária; a afinidade substitui a identidade e a conexão passa a ser fonte inesgotável de heterogênese. Fluxos e devires que compõem os processos de subjetivação docente, no nosso caso, não desencadeiam medos paralisantes de uma possível e iminente desintegração do eu.

Em outra direção, fluxos e devires se constituem como material rico e inexaurível de possibilidades conectivas; fonte gerativa de formas de viver ainda sem nome, sem medida ou representação possível. O medo de desintegração é substituído pela vontade de transvalorar os valores e, então, trazer para a vida uma nova condição de viver, por meio da qual a própria vida seja impelida para além

de si mesma. Produzir vidas outras, que afirmam o viver como vontade de poder-potência, como nos indicou Nietzsche.

As histórias de vida aqui apresentadas não buscam figurar histórias de vida docente como equilíbrio, racionalidade nem coerência. Ou seja, não há, nas figuras a seguir, vontade de verdade, tampouco de completude, mas, sim, de experimentação e composição de contornos, que resistem às forças de homogeneização. Então, se convocamos Vanessa como operadora fundamental neste texto, é exatamente pela potência das narrativas em expressar um real que afirma a si mesmo. Vanessa é nossa companheira e personagem conceitual.

## Figuração 1

Dentre seis irmãos, Vanessa era a única que tinha a “cor da pele diferente”, de pele escura. Os irmãos sempre marcaram tal diferença nas “brincadeiras”: *cabelo de bombril, pretinha que foi achada no lixo, neguinha pixaim*. Vanessa traz um sentimento de desassossego em relação a esses comentários. Mas por qual motivo isso a perturbava? [...] *internalizei a imagem de que para ser ‘bonita’ e aceita pelos meus irmãos eu precisava alisar o meu cabelo, pois entendia que meu ele não era bonito como o que se vê nas revistas ou nas prateleiras de lojas de cosméticos*. A família insistia: *por que você não alisa seu cabelo?, amarra esse cabelo que ele está muito volumoso, conheço produtos bons que podem melhorar isso aí. Me sentia ‘inferior’, tinha vergonha do meu cabelo, da minha pele. Chorava e me perguntava: por que eu nasci assim? O que eu fiz para merecer esse castigo?* “Castigo” experimentado em silêncio, na solidão da vergonha. Mais tarde, Vanessa encontra a palavra para nomear aquilo que até então não conseguira delinear: RACISMO.

Maria Aparecida Bento (2016), em seu artigo “Branqueamento e Branquitude no Brasil”, aponta que, historicamente, a ideologia do branqueamento opera violências e é frequentemente considerado um problema exclusivo da pessoa negra que, descontente e desconfortável com sua condição de negra, procura identificar-se com o branco, tal como expresso pelas lembranças de Vanessa através das interpelações que sofria na infância e adolescência.

Segundo a autora, um dos primeiros sintomas da branquitude é que as/os brancos, em geral, quando reconhecendo as desigualdades raciais no Brasil, a compreendem como legado inerte de um passado escravocrata. Ou seja, evita-se focalizar a condição atual do branco e as condições favoráveis deste grupo que, mesmo em situação de pobreza, detém o privilégio simbólico da brancura.

De acordo com Bento (2016), pode-se afirmar que o silêncio, a omissão e a distorção do lugar do branco na situação das desigualdades raciais têm um forte componente narcísico, de autopreservação, porque vem acompanhado de um pesado investimento na colocação desse grupo como referência da condição humana. Em outras palavras, a pesquisadora identifica um “acordo tácito” e uma herança silenciosa que torna as pessoas brancas beneficiárias simbólicas e concretas das relações raciais desiguais no Brasil.

A primeira opressão é de raça, afirma Vanessa; por isso, não se pode falar de gênero sem falar de raça quando se quer combater as discriminações. Convém explicitar a partir do livro “Tornar-se negro”, da psiquiatra Neusa Santos Souza (2021), que a categoria raça é entendida aqui como noção ideológica, engendradora como critério social para distribuição de posições na estrutura de poder e de classes. Apesar de estar fundamentada em qualidades biológicas, principalmente a cor da pele, Neusa Souza (2021) aponta que a raça sempre foi definida no Brasil

em termos de atributo compartilhado por um determinado grupo social, tendo em comum uma mesma graduação social, um mesmo contingente de prestígio e mesma bagagem de valores culturais.

Grada Kilomba (2019) discute o racismo genderizado para apontar a condição híbrida e o “duplo fardo” da mulher negra alvo de discriminação racial e de gênero. A autora afirma que as intersecções das formas de opressão produzem efeitos específicos, não se tratando, portanto, de uma simples sobreposição de camadas entre estas experiências. Afinal, embora o racismo e o sexismo construam ideologicamente o senso comum através de referências “naturais” a aspectos biológicas dos corpos, o fato é que as formas de opressão racial e de gênero não são paralelas, “porque ambas afetam e posicionam grupos de pessoas de forma diferente e, no caso das mulheres negras, elas se entrelaçam” (KILOMBA, 2019: 100). As mulheres negras têm maiores dificuldades para acessar os direitos fundamentais e as políticas afirmadoras de cidadania.

Vanessa compreende o racismo a partir de uma visão crítica e descolonial, com vistas à criação de práticas que possam contribuir para a luta antirracista. Ser militante! Se engajar em movimentos organizados de luta que resistem a esse cenário necropolítico. “Vivo intensamente o feminismo negro. Sou ativista antirracista em cada gesto no cotidiano: não só na escola, em todos os espaços do meu dia a dia”.

“Ninguém nasce mulher; torna-se mulher” (BEAUVOIR, 2008). Ninguém nasce negra, ninguém nasce militante, ninguém nasce feminista, ninguém nasce professora... Vanessa-ciborgue rompe com essencialismos entre os sexos, desnatura os modelos de feminino e de mulher, não se dobra sob ditames dos modos burgueses, misóginos, racistas e capitalísticos de viver e subjetivar.

Ninguém nasce professora, torna-se professora. Ninguém está dada a priori; existem apenas feitura. Vanessa, professora-ciborgue, militante, inventadeira. Vanessa, com movimentos de escapes e derivações, não se emoldura totalmente por nenhuma tentativa de arranjo absoluto. Gira. Dribla. Se dobra. Busca vertigens. Embaralha os sentidos estabelecidos. Entreabre posições políticas. Feminino e/ou a mulher não podem ser reduzidas às prerrogativas reprodutivistas. Corpo-mulher-negritude não se define por condições frágeis e débeis. Inconformar o feminino, a formação de mulheres-negras, trabalhadoras-docentes aos modelos reinantes. Lutas marcadas por provisoriiedades são perigosas e fecundas. Estarmos atentos ao disruptivo. É um exercício constante e permanente de enfrentar as tentativas de subordinação da vida aos modelos datados.

Urge forjar uma verdade que seja aliada dos desejos de mudança. Mas aquilo que difere também pode causar-nos horror. E diante do horror, o presente é sempre desafiador.

Vanessa, professora ciborgue! Ser humano e máquina que máquina. Uma ficção! Vanessa, um híbrido. Muitas professoras, práticas e tecnologias educacionais em Vanessa, que não nasceu de um único jeito e, portanto, se constrói no curso de uma existência diversa e heterogenética.

Filha de *mãe solo* e empregada doméstica, teve a vida marcada pela pobreza. A mãe fazia malabarismo para enfrentar os desafios cotidianos. Como uma equilibrista, dançava na corda bamba, e em cada passo dessa linha podia se machucar; mas a esperança é equilibrista, a esperança dança na corda bamba e sabe que o *show* deve continuar (BLANC e BOSCO, 1979).

*Vivemos numa sociedade marcada pela desigualdade... minha mãe sofreu as mazelas de ser mulher em uma sociedade machista, sexista, excludente e ra-*

*cista. Viveu a vida em bairro periférico e foi aluna de escola pública. [...]encontrei, ao longo do caminho, todas as dificuldades de uma menina negra, inserida em um ambiente de extrema desigualdade social.*

Vanessa enfrenta o fascismo contemporâneo que tem se expressado em diferentes formas de racismo e misoginia. Enfrentar as facetas de um fascismo no tecido social brasileiro, para além de qualquer direção de governo mas, principalmente, como fluxo cotidiano e impessoal de modos de existência, não é uma tarefa fácil.

Racismo? Vergonha? Castigo? Começa a feitura de outros mundos: *Comecei a me enxergar como NEGRA. Cabelos não mais alisados – gesto revolucionário*, afirma. Como tornar-se Negra? Não se nasce mulher negra: torna-se.

Joana, sua filha, ainda bem pequena, solicita insistentemente sua atenção e cuidados. Fica muito difícil ler, estudar e trabalhar, e ser mãe. Mas Vanessa insiste. E quando Joana adormece, Vanessa tenta dar conta das tarefas da escola: correção de trabalhos, preparação de aula para o próximo dia... E logo também cai no sono. Corpo cansado. Sonha com professoras e professores. Sonha que seus sonhos caberiam num mundo que ela cria insistentemente, todos os dias. Os sonhos a impulsionam. Nos sonhos, podemos mudar lugares e ângulos. A sabedoria de sua mãe, já falecida, a encanta. Sabedoria que emerge da conjunção de um ontem, a um hoje e ao porvir.

Hoje, Vanessa entende que *não há motivos para se envergonhar dos cabelos ou da cor da pele, como dizia minha mãe*. A sabedoria da mãe é uma inspiração importante. “Dar conselhos” está em extinção na nossa sociedade. Não temos mais disposição em ouvir e aconselhar o outro? “O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria” (BENJAMIN, 1983: 45).

Como aponta Gagnebin (2009), Benjamin dedicou-se a discutir o fim da experiência e da narração no sentido tradicional, propositando uma aposta em outra possibilidade de narrativa, aquela que saberia rememorar e recolher do passado esparso uma força materialista de retomada de uma experiência em ruína, que aciona um modo de compartilhamento perseverante e restitui à irreduzibilidade do passado inacabado. Uma verdadeira ligação entre a morte e a narração. Entre o inenarrável e uma força messiânica, entre a imprevisibilidade do presente e a chance de uma barbárie positiva, encontra-se um movimento paradoxal de restauração e de abertura, como descreve o conceito benjaminiano de origem.

Desta forma, a ideia de conselho e de sabedoria — ainda que em franco processo de extinção na sociedade — nos coloca frente a uma pista imprescindível: não é pelo caráter psicológico e pragmático que estes elementos importam, mas, sim, por sua especificidade narrativa: a de situar a hesitação, a desorientação de um tempo, o relançamento ao inacabado como matéria da posição política premente e atual de tentar uma reinvenção salvadora.

Não pretendemos, com isso, alçar a complexidade da contribuição de Benjamin sobre o tema, nem mesmo ressaltar uma conotação perigosa sobre o tema da salvação. Entretanto, como apostamos em novo modo de narratividade, cabe-nos situar que o conselho resgatado por Vanessa-docente insurge mesmo do “fio entretido na matéria da vida”, que, como sugere Gagnebin (2009: 64), não advém de uma boa vontade terapêutica ou salvadora apressada, mas sim “por uma espécie de curto-circuito político-utópico” que realiza “no avesso do nada” um longo movimento de perseverança, que reestabelece uma relação com a morte e a narração, com o declínio da experiência e com seu processo social, acompanhando as transformações que se seguem no decorrer do tempo, desde o século XIX.

O trabalho como docente na pandemia foi um desafio. Joana aparece na tela do computador sempre que a mãe, Vanessa, está trabalhando no Ensino Remoto Emergencial (ERE). Pula no seu colo, demandando atenção. Afinal, nesse período, Vanessa passou a maior parte do tempo em frente às telas do computador.

Vanessa reúne a (re)existência ao esperar, traçando caminhos possíveis. Os obstáculos não são impedimentos, mas fatores de propulsão para tecer comunidades ampliadas de aprendizagem. Em seu livro “Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança”, a escritora bell hooks (2021) afirma que a experiência de tecer comunidades na educação se faz atravessando fronteiras, através do exercício da confiança.

A qualidade de abertura radical exigida no exercício experimentado por Vanessa só é possível quando as pessoas envolvidas no processo estão dispostas a manejar as tensões insurgentes, celebrando a necessidade de se deslocar e se reinventar. Muitos não estavam familiarizados com as tecnologias digitais, o que rendeu o dobro ou o triplo do trabalho. “Não me intimidei com o desafio”. A pandemia trouxe muito sofrimento. O trabalho? Foi causa de muito estresse; divisor de águas nas tomadas de decisões, mas também nos manteve ocupadas em momentos difíceis da pandemia.

*Durante a pandemia, a vida mudou, sobretudo no que se refere ao trabalho. Foi necessário nos adequar a uma nova realidade: ensino remoto, suas ferramentas... Foram os piores momentos da minha vida... Medos permearam meus pensamentos: medo de morrer, de não ver minha filha crescer, de perder pessoas queridas e de perder o emprego sempre me assombrava num momento de tantas incertezas no país. Momento de instabilidade financeira. Tentativa de permanecer forte. Dentro de casa, fiquei muito assustada. Tínhamos que mostrar para os alunos que tudo estava bem! Não podia mostrar esse medo para os alunos! Minha casa passou a ser meu novo espaço de trabalho. Foi preciso rearranjar os espaços. Minha filha passou a dormir no meu quarto e o dela passou a ser meu lugar de trabalho. Ela não entendia, batia insistentemente na porta. Época de amamentação e não podia dar a ela a atenção necessária. Minha casa não era mais minha casa, era meu trabalho.*

*As reuniões se multiplicaram: manhã, tarde e noite. Não tínhamos mais horário específico de trabalho. Participando de mais de 25 grupos de WhatsApp! Cada toque do celular me arrepiava: mais uma tarefa! Mais uma exigência de pais! Mais uma exigência das coordenadoras da escola. Aulas gravadas, pais monitorando o que falávamos, um controle assustador de nossas posições políticas. Vigilância ideológica constante! As pessoas, pais e coordenadores, entravam nas aulas fazendo intervenções no que eu estava abordando. Ansiedade, terapia, medicação passaram a compor meu cotidiano. Sensação permanente de medo. Somos vigiadas em todas as nossas redes sociais. A misoginia se acirrava – eu era a única professora da cadeira de história. Falas machistas e desqualificadoras se multiplicaram. Perdi duas colegas para a Covid. E seguiu trabalhando. Vigiada, tensa, assustada – e, novamente, sua filha bate na porta do quarto.*

Como tolerar o intolerável? E, principalmente: COMO DESOBEDECER?

A produção de um devir-mulher-trabalhadora-negra-docente não cessa de se inscrever: “o homem”, “a mulher”, “a docente” ou quaisquer outras essencialidades ou interioridades substancializadas não nos servem no projeto de afirmação da dimensão explosiva do viver e do exercício de modos de constituição de si e de mundos que se constituem como um “tornar-se”, referindo-se à multiplicidade

de afetos e circulação de desejos fora dos insistentes sistemas de oposições binárias. Lógica do terceiro excluído [...] toda luta se faz com forças de criação e conservação, é preciso entrar em devir sem se desfazer, é preciso prudência.

Tornar-se professora: um convite ao jogo. Jogo de passar anel (PERRONE-MOISÉS, 2013). Alunas devolvem o anel que um dia professoras colocaram em suas mãos. E, nesse jogo, o anel nunca é o mesmo, mas “uma outra volta da espiral” (PERRONE-MOISÉS, 2013).

O “corpo docente” de Vanessa sentiu. Horas em frente a uma tela, a tentativa de elaboração de materiais escritos que traduzam uma aula para uma página de pdf. Aos poucos, o “corpo docente” que sobe e desce escadas, troca de salas, troca de ares, organiza os materiais, que se esforça para a criação de uma atmosfera de aprendizagem vai se acostumando com o novo formato, mas sem sofrer menos em função daqueles que sabem que, efetivamente, este formato não alcança. É preciso ser professora inteira e de corpo todo. Fora da tela.

Pedaços de histórias. Pedacos de docentes. Pedacos de mulher. Pedacos de crianças. Violência. Sexismo. Restos. Como num caleidoscópio, os pedacos se conectam e se entrelaçam, formando imagens imprevistas. Formas inéditas se delineando. A cada movimento, combinações variadas vão surgindo. Pelo reflexo da luz, a produção de si caleidoscópica, apresentando, a cada movimento, combinações variadas e de interessantes efeitos visuais.

Vanessa é um pouco de cada encontro feito: com a mãe, a madrinha, o pai, os namorados.

Em meio à provisoriedade, remendo, gambiarras. Afinal, o sentido político de nossos gestos está nas dobras, e não nas coisas isoladas e sólidas. As gambiarras têm potência de mudança. Guardam os gérmenes da novidade, do inusitado, e apontam as condições precárias de trabalho nas quais estamos imersas; o sucateamento da educação pública brasileira. Gambiarra que, por seu uso disfuncional, produz também um efeito estético. Composição feita de restos, pedacos. Tornar-se negra, tornar-se professora, tornar-se mulher na composição de coisas estranhas que se estranham.

Vanessa é ruído. Faz tremer e abala silêncios. Cabelos multicolor: rosa, acaju, castanho, preto. Turbantes coloridos, e quando de uma só cor, que seja o de cor muito viva. Boca com batom carmim. Muitos colares de miçangas combinando com as cores do blusão. No antebraço direito, uma tatuagem “...é uma deusa africana no continente africano” — ela diz.

Passageira no bonde do viver, vive intensamente as mudanças na paisagem existencial. O corpo, muitas vezes automatizado na inércia de caminhos asfaltados, responde aos movimentos bruscos da vida: subidas, solavancos, quedas. Muitas mulheres encostam suas mãos na dela ao longo dessa caminhada. Há contágio.

## Figuração 2

Andava estranha naqueles dias. Sentia-se tão cansada, meio oca por dentro. Sem saber exatamente o que fazer com todos os compromissos na agenda e as infinitas interpelações que lhe chegavam. Ah, se pelo menos pudesse desistir. Mas nem isso tinha cabimento. Era necessário persistir.

Alguém já havia lhe indicado, que certos tempos, pedem atenção e pouso. E certos caminhos, pedregosos, pedem por caminhar devagarinho. Ninguém sabe exatamente como se chega, ou como se sai, como se entra, ou como se fica em

determinada situação extrema. O mundo parecia encontrar-se quebrado. Mesmo sem ser objeto, nem nada.

Sabia de pronto que era só impressão. Quando à noite, mirava o céu; aquela escuridão toda que parecia engolir o mal, pelas pequenas luzes cintilantes que lhe alcançavam a face, ainda pressentia o movimento das coisas. Lento e compassado. A gradação do cosmos a lembrava de que mesmo perdida diante dos desafios impostos, tratava-se antes de não perder a confiança no rumo do infinito.

Lembrava das histórias de sua mãe, das histórias da Mãe-Terra-Cósmica que se contrapunham e ultrapassavam os sentidos racionalizados e impositivos da cultura dos vencedores, contados e recontados sem parar, com fins mesmo de manter a coerção e a violência.

Na língua da mãe, segredos vivos. Melodia e entonação. Como aquele som, palavra, aquela música foi capaz de ir tão fundo? Provocava um calafrio no peito, ao mesmo tempo, uma quentura gostosa, que ia dos pés à cabeça e que de repente, atingia uma estrela no chão.

Acessava cenas de seus meninos e meninas brincantes, suas reviravoltas, seus giros. Suas esfomeadas manias de brincar e correr, a gana de criança que é meio salvação, meio susto e meio reza. Aquele pátio da escola, que olhando de longe parecia nem caber tanto movimento, tomado por elas, explodia o centro e tornava-se rio.

Cantarolou baixinho: “Quando o cansaço era rio/ E rio qualquer dava pé/ E a cabeça rolava num gira-girar de amor/ E até mesmo a fé não era cega nem nada/ Era só nuvem no céu e raiz”... a voz do homem preto e daquela mulher-fera.

Quase adormeceu. Mas ainda lhe chegavam ao pensamento, também os desesperos, um aperto agudo no peito e um medo medonho.

Não havia mais pátio. Não havia mais criança correndo.

Nem explicação conseguia formular. Uma mistura de dores do mundo com matéria escorregadia e um gosto agridoce e ácido.

Se fosse capaz de virar uma fera, uma raiz, pelo menos, e insistir em brotar quando todas as condições pareciam improváveis, na réstia de força que faz mundo renascer... mas nem.

Ficou ali encolhida. Esperava que ressurgisse a potência do acalanto. O ser que nina a si mesmo.

Tudo tão áspero de pensar e sentir.

Por bem, que é no meio, sempre no meio, que o coração beira o mundo e acaba encontrando-se em trama invisível com forças insuspeitas. Como num feitiço. Num encanto. Numa fogueira acesa que não pode destruir as próprias chamas.

Daí que o corpo, ainda pequeno, cansado e encolhido, foi esticando-se aos poucos. Talvez esperasse que o raiar do sol, com seus raios, alcançasse as fissuras do mundo e entrasse, sem pedir licença, sem medo, iluminando as poeiras recônditas ainda cristais.

Não era mais apenas o mundo que rodava.

Não era mais apenas catástrofe ou mania.

Era hora de delicadeza. Produção de lucidez, meio ao degredo. Procura, mais que solução. Aposta, mais que certeza imaginária. Desejo, mais que medo e poço.

Insistir era gesto coletivo. Por ela, pela mãe-morta, pelos infantes, pelas feras, pelo cosmos e vidas pequenas, raras. Por todas elas.

Dunker (2020) nos lembra que acontecimentos não são previsões do futuro.

Acontecimentos são testemunhos de uma época e da força de sua efetuação em certa configuração, a partir de elementos agenciados, múltiplos, heterogêneos e conectados.

No Brasil, a chegada da Covid-19 encontrou uma crise política e econômica agigantada, com uma verdadeira produção paranoica de inimigos sustentada pela violência do fascismo tropical, espalhando redes de ódio, culpabilização e demanda social de morte (DUNKER, 2020).

Cenário sinistro de um desafio sem precedentes, que encontrou, à tarefa coletiva de sobrevivência, grandes impasses.

No campo da educação, a atividade docente se deparou com uma inflação de elementos disruptivos, vividos – não raro, como apontam os relatos de professoras e professores – de forma radical extremada, colocando os docentes em campos de guerras e enfrentamentos absurdos às inúmeras graves e imediatas situações.

Na gramática paranóica (DUNKER, 2020), só há dois: um lado e outro; o que produz a negação do outro, criando uma fronteira perigosa. Processos de segregação, discriminação e distanciamento. Corridas “cada um por si”, afirmadas em termos de certa política nefasta, encarceram subjetividades entre a obediência e a ordem extremista. Dunker (2020) nos lembra que nunca houve experiência social de medo e pânico que não fosse aproveitada por tiranos.

Mas, tudo isso, também concorreu para a produção de uma pergunta ética sobre a vida coletiva: estamos dispostos a viver de outro jeito? Conseguimos sonhar outros modos de distribuição e de produção de comum? Como retomaremos as forças na construção de cenários mais justos, movidos pela alegria e pelo desejo de partilha, ainda que mediante ao imprevisível?

O exemplo da máscara, em meio ao enfrentamento à pandemia, tornou-se um signo do que não mais podíamos escolher individualmente, bem como as controversas posições sobre a vacinação. Ambas – máscara e vacina – mostraram que nenhuma estratégia é eficaz por si mesma, apenas. Situações extremas reconstituem a emergência do real e nos mostram o quanto as nossas sustentações, sejam estas quais forem, relacionam-se e encontram-se indiscutivelmente vinculadas ao sentido mais forte de nossa condição política por excelência: a de sermos em coletivo.

Dunker (2020) nos lembra que *in-fectio* demonstraria na discursividade o sentido da infecção por intrusão de objeto estrangeiro, tal como na realidade viral produzida pela Covid-19, e tal como aparece na paranoia sobre o estrangeiro perigoso e culpado que deve ser alvo de investidas violentas. Aponta-nos, em contrapartida, que a capacidade de construção diante do caos e do imprevisível, via redes de *a-fectio*, afecção como dispositivos de afetação e produção de diferença solidária, podem, apesar dos pesares, surgir concomitantes.

Teríamos, desta feita, uma chance de explorar a indeterminação como campo do inusitado. Enfrentar incertezas (MORIN, 2001) já havia se mostrado uma tarefa importante, sobretudo no campo da educação e no século XX, visto os desastres das duas grandes guerras mundiais, apesar e através do desenvolvimento tecnológico.

Paradoxo situado: o reconhecimento de retrocessos e a retomada do conservadorismo necropolítico, ao mesmo tempo em que se tenta fazer outra política, a do sonho; outra política do desejo, como uma franca e frágil força messiânica de fazer da perda, uma chance de novos começos. Avistar uma barbárie positiva, como bem lembrado por Benjamin (2013).

Uma professora diretora de uma escola em 2021 declarava-nos: “A sensação que tenho é que estão sempre esticando a corda, até não aguentarmos mais. Eles, por certo, sabem que professoras e professores dedicam uma força incrível diante das condições precárias para dar conta do pior cenário. Porque fazemos das tripas coração. Me pergunto se já não calcularam isso?! E se é isso o que temos a fazer ainda: continuar?”.

A desconcertante interrogação da professora nos acerta no âmago, como uma bofetada, complexifica o plano da decisão ética antes de produzir uma indicação, mostra sua condição relacional tensa e embaralha os sentidos mais imediatos, convidando-nos a outra abertura ao tempo, aos problemas, às estratégias e ao desejo.

Diante de tudo, foi preciso construir saídas solidárias e conectadas, capazes de avaliar as condições de morte e precariedade como paradoxos das experiências de vida que insistissem em restituir consequências positivas imprevistas e “atravessar o império com uma colherzinha de chá”, como nos contou outra professora interlocutora da pesquisa.

A afirmação irônica desta última professora não diz de uma visão fantasiosa qualquer. Pelo contrário, recoloca, com certa graça e espírito, uma tarefa urgente de escapar aos sentidos expiatórios e nefastos produzidos em grande escala na malha do medo e do controle instaurados e estabelecidos pelo Poder. Ao aceitar o jocoso da minúscula condição da “colherzinha de chá” em contraponto à agigantada visão do “Império”, a professora de música torce os instrumentos comuns em outras direções.

O que a crise sanitária e a crise política no Brasil expuseram? Há importante implicação política com a experiência da pandemia. Não há retorno a nenhum “normal”. Os sofrimentos foram e são reais e materiais. Somos uma espécie facilmente afetada pelo *in-fectio*, assim como pelo *a-fectio*.

Nossa dimensão natural de espécie vincula a nossa racionalidade e os nossos modos de vida ao campo das afecções e emoções. Como define Maturana (1998): “As emoções não são o que correntemente chamamos de sentimento. Do ponto de vista biológico, o que conotamos quando falamos de emoções são disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos” (MATURANA, 1998: 15). E precisamos de um corpo para estabelecer as relações entre domínios da experiência. Corpos são afetados. Corpos são relações.

Para uma política dos corpos que desconsidere a negação como emoção primordial, mas, antes, considere o amor, como disposição corporal dinâmica que conecta e religa, e que se encontra no fundamento de modos de vida democráticos e afirmativos da diversidade e da diferença. “Fazer das tripas coração” como nos sinalizou a professora, pode produzir uma imagem poderosa. Imagem que a linguagem cria e que remete à nossa inexorável condição histórica, nos abrindo ao movimento de esgarçar os sentidos naturalísticos, até atingir e mostrar nossa posição política capital.

Uma imagem, aponta-nos Castro (2009) ao seguir as pistas benjaminianas, é uma palavra deitada. Através das imagens podemos ler o mundo. Ler o mundo também se faz diretamente numa ligação material com ele; feitura de formas e embate de forças, que participa dos desafios e impasses que experimentamos no real. Macebo (2002) nos diz que o contemporâneo se trata de ser produzido; não está dado, nem indica um momento cronológico em curso. O contemporâneo é um modo de habitar as fendas do tempo. Um modo de encarar as luzes e a sombra que a fissura do tempo coloca em deriva (AGAMBEN, 2009).

Vanessa-devir-mulher-trabalhadora-negra-docente, Vanessa ciborgue, imagem. Das tripas, coração. Imagem. Atravessar o império com uma colherzinha de chá: imagem.

Três imagens forças-fluxos-agenciamentos produzidas por corpos-docentes em meio à profusão de ensaios, exercícios e prosseguimentos viventes.

Coccia (2010) em “A vida sensível” utiliza-se correntemente do termo *specie*, que poderia tanto significar o complexo de características comuns em variados indivíduos, indicando uma taxonomia biológica em algumas circunstâncias de tradução, quanto, por outro lado, e em acordo com a etimologia latina e seu uso filosófico, apontar uma imagem de pensamento, uma figura exterior que pode ser vista e articulada a certa forma, aspecto ou apresentação da nossa capacidade imaginativa nas leituras que fazemos do, com e no mundo.

Assim, aponta-nos o autor que a vida não faz senão se produzir em imagens de si, todo o tempo, e emiti-las; da mesma forma como toda imagem vivente multiplica a si mesma: “o vivente não faz senão reproduzir-se em mil formas e modos. Então, o sensível, a imagem, é o ser em ato dessa reprodução infinita” (COCCIA, 2010: 93).

Cabe ressaltar aqui que, quando Coccia (2010) está utilizando-se da noção de reprodução, não a está relacionando com uma simples repetição ou biológica capacidade de multiplicar-se. Mas, antes, com a vida sensível e sua infinita e apropriável interpolação, criação e multiplicação das imagens que podem ser transmitidas. A reprodução seria a fertilidade própria da imagem, e a nossa imaginação seria uma forma diminuta e derivada dessa faculdade, nas palavras do autor:

A vida, poderíamos dizer, é própria das imagens. Ou, se não é assim, é apenas através delas que é possível transmitir-se, passar das coisas aos sujeitos, e deles retornar aos outros sujeitos e ao mundo. Se a imagem também é um estado (e não uma substância) daquilo que vive, isso parece representar a sua condição, ou melhor, a sua consistência mais óbvia. A vida sensível é aquilo pelo qual toda coisa não é redutível a si mesma, se multiplica, pode existir além de seu sujeito, torna-se infinitamente apropriável e produz efeitos (...). O vivente tem uma relação privilegiada com a imagem, uma vez que seu movimento mais próprio, sua obra mais específica, é a transmissão. (COCCIA, 2010: 92)

Ele assinala que a imagem consegue capturar o real, e aponta para um devir-imagem que experimentamos como uma possibilidade de viver fora de nós, além de nós mesmos, numa espécie de eternidade difusa e impessoal, que se materializa no tempo, provisoriamente, em imagens históricas, como nossas criações situadas: a moda, o costume, os sonhos, a tatuagem, a experiência, a linguagem até o ponto do contato disso tudo com nossa própria *pele*. “O mundo não deixa de se tornar a nossa segunda pele” (COCCIA, 2010: 86).

A pele, órgão relacional por excelência, zona liminar de contato e conexão. Ao mesmo tempo que indica limites, cria infinitas composições, transformando até a nós mesmos em imagem, e afirmando nossa paradoxal medialidade.

Coccia (2010: 85) entrelaça ainda a nossa pele com nossa imaginação e conclui: “a linguagem não é senão uma pele móvel”. Neste sentido, “o mundo é a nossa pele” (*idem*) e não fazemos uma experiência do aberto; estamos, nós mesmos, abertos à experiência-mundo que criamos e forjamos ao cabo e ao limite; nas tripas, coração.

Portanto, viver como imagem, significaria, como sugere Coccia (2010), afirmar que a produção de imagens das quais somos criadores vincula-se aos nossos modos de viver, nosso modo de dar existência a uma figura, uma forma, *specie*. A vida se dá sempre e apenas em *modos*. Não se define em essência ou substância fixa, mas em movimentos construídos, históricos, contingenciais e situados em

imagens nas quais traduzimos, no sentido forte do termo, em figura nosso esforço de saber- viver, transversal, localizado, provisório e interdependente (HARAWAY, 2009).

É preciso atentar-se que toda imagem produz efeitos. Imagens não são realidades meramente cognitivas (COCCIA, 2010: 72), são antes produções, elas *agem*. Por isso, transmitem-se como modos de ler/construir o mundo e a nós mesmos: “Toda imagem é uma forma de fluir de um sujeito a outro (...) o próprio do sensível é o fluxo”.

Assim que interrogamos: quais imagens temos produzido? Quais imagens, campos de forças, podem nos auxiliar a retomar a proposição ética sobre o que estamos nos tornando? Como afirmar nossa disposição de viver outros modos, distintos dos mortíferos e fascistas que não cessam de vergar sobre nossos corpos?

Se estamos em suspenso, alguns já estão engajados em experimentações que buscam criar, a partir de agora, a possibilidade de um futuro que não seja bárbaro – aqueles e aquelas que optaram por desertar, por fugir dessa “guerra suja” econômica, mas que, “fugindo, procuram uma arma”, como dizia Gilles Deleuze. E aqui, “procurar” quer dizer, antes de tudo, criar, criar uma vida “depois do crescimento econômico”, uma vida que explora conexões com novas potências de agir, sentir, imaginar e pensar. (STENGER, 2015: 14-5)

Nos indicou Coccia (2010: 70) que é apenas no lugar onde uma vida se torna imagem é que ela pode ser transmissível, tal como uma semente: “Toda semente é um sonho sem olhos, o sonho da matéria, exatamente como o sonho é uma semente psíquica”.

Sonhemos. Como aqueles que procuram uma nova arma, uma colherzinha de chá.

### Figuração 3

Um encontro. Sonhos manifestos (RIBEIRO, 2022).

- Alguém aí sabe sonhar o futuro?

Não tinha resposta prescrita. Tinha labor.

Como naquela música e suas imagens, la flor, a menina, a moça, a mulher e a mulher mais velha. Ao final, todas na criança. Tudo começa onde mesmo? Se perguntar sobre a origem, é questão estúpida e traiçoeira, insistir em ver como brota a flor naquele vaso amarelo indica que é preciso paciência e rega. Atenção e terra. Água e corpo. Cosmovisão. Tons ocres e uma força messiânica de aguardar a passagem. Mudança de estados. Variação.

Não existe raiz humana. Apenas enorme rizoma de diversas espécies humanas, somos híbridos. Mutantes. “Remisturados desde sempre” (RIBEIRO, 2022: 128).

Somos seres movidos por narrativas. O mundo é feito por histórias. Até mesmo os números são crônicas. Não é prudente tomar nada, nada, como absoluto, num mundo de matéria provisória e movimento constante. Mas sim, é interessante retomar os rastros da ancestralidade para afirmar o presente como cópita.

Construir alianças inéditas, para suportar as intempéries.

De repente, um perfume.

Nos indica Coccia (2010) que não existe nenhum sensível em si e por si. A vida sensível, em sua infinita produção de imagens transmissíveis, nos fornece a chance de produção de experiência e a materialização de corpos: “na medida em que somos capazes de experiência, já vivemos sempre em outro lugar em relação

a nosso corpo orgânico. Apenas a pedra vive exclusivamente de si mesma, precisamente porque é incapaz de experiência” (COCCIA, 2010: 68). A experiência e a produção imagética nos relacionam. E o plano relacional no qual mundializamos é agenciamento heterogêneo e múltiplo. Experiência, portanto, não é aqui sinônimo de algo intimista e nem tampouco indica pertença a alguém ou a algo. Experiência é um campo de forças compartilhado. Uma condição relacional pela qual nos forjamos, construímos, criamos e destruímos. A experiência-imagem é um lugar de transmissão.

“Toda imagem é como um fragmento de sonho” (COCCIA, 2010: 69). O sonho comunica a transmissão operada pelas comunidades humanas e não humanas, viventes e não viventes. Por isso, o sonho é semente. Transmite algo. Põe em curso uma imaginação corpórea.

Tal como a história contada, o sonho nos comunica algo. Sonho, experiência e história; atualidades sensíveis que nos corporificam. Já havia indicado bell hooks (2020): precisamos de mais histórias.

“Toda operação vital realizada pelo vivente é corpo. É como se a experiência fosse ela mesma um corpo, um corpo sensível cujo lugar está para além de nós e dos objetos” (COCCIA, 2010: 67).

Ao transmutar a sua história, Vanessa-ciborgue não a faz como pertencimento fechado em interioridade privada, mas participa esta forma-imagem de um compartilhamento comum do mundo em trânsito, de infinita transmissibilidade e apropriabilidade. Eis que, então, as imagens guardam um fora de si. Uma estrangeiridade.

As formas são capazes de transitar, como um *extraneum*: “tornar-se imagem, para toda forma, é fazer experiência desse exílio indolor em relação ao próprio lugar” (COCCIA, 2010: 23), uma maneira, um modo de transitar, percorrer a fratura do tempo, entre forma e existência e perlaborar.

Romper com a fábula do Homem, como nos convoca Stengers (2015). A versão épica de um homem em epopeia da conquista de si e do mundo pelo controle e exploração faz-se por meio da criação de novas formas de luta e de responsabilidades. “O advento de uma humanidade enfim liberada de qualquer transcendência” (STENGERS, 2015: 53). Ela nos conta: o capitalismo não pensa, não hesita. O escorpião capitalista devora tudo, ainda que com sua própria morte. Precisamos aprender respostas, novas lutas não bárbaras que articulem modos de resistência por outras conexões distintas das que predominavam na lógica da prioridade estratégica. Algo que faça uma intervenção, que se pautem em nenhuma vontade de representação, mas antes, que se funda na constituição de “caixas de ressonância” (STENGERS, 2010), como algo que faça a experiência comum tornar-se semente em brotação alcançando uns aos outros em aliançadas possibilidades de alimento e resistência. Não basta que adotemos posições denunciadoras, embora, também, não se trate de trilhar caminhos excludentes em afirmações “essas ou aquelas”. Trata-se de revisitar o “e então”, para mostrar o tamanho do embaraço que temos nas mãos. Propositar um futuro só é possível assumindo fortemente o presente e testemunhando o passado como aquilo que já fomos capazes de produzir, para que esse algo antes se torne não um anúncio espetaculoso de catástrofe, mas uma indicação precisa de que temos uma tarefa urgente: “trata-se, a partir de agora, de arrombar uma porta aberta” (STENGERS, 2015: 9), nos alerta a autora, e conclui: “um trajeto em que é fácil derrapar, é importante não fazer a tentativa sozinha” (2015: 5).

Antonin Artaud bradava que o pensamento não está na cabeça. Assinala Stengers (2015): a importância de resgatarmos este grito. E com Rancière, a autora

elucida que não importa quem pode! Não daqueles que estarão em certas circunstâncias com o poder, mas, sim, importa na política resgatar o que se pode recriar,

“fazer pegar novamente”, como nos diz das plantas – a capacidade de pensar e agir juntos (...) A luta política aqui, porém, não passa por operações de representação, e sim, antes, por produção de repercussões, pela constituição de “caixas de ressonância” tais que o que ocorre com alguns leve os outros a pensar e agir, mas também que o que alguns realizam e aprendem, fazem existir, se torne outros tantos recursos e possibilidades experimentais para os outros. Cada êxito, por mais precário que seja, tem sua importância. (STENGER, 2015: 148-149)

E a autora nos convoca a criar o que alimenta a confiança e a alegria de pensar, imaginar e, juntos, ainda que inquietos, onde a impotência tenebrosa ameaçar, buscar maneiras de sustentarmos redes sussurrantes que sejam capazes de transmitir e produzir forças de pensar – com outros e graças aos outros – novas histórias de nós.

## Considerações no limiar-sempre inacabadas

A potência das imagens fluxos-agenciamentos produzidas por corpos-docentes em meio a profusão de ensaios, exercícios e prosseguimentos viventes, como dimensão da arte de pensar, está em dobrar as forças; ou melhor, em conseguir se deslocar através delas durante suas feitura, como aquele que surfa em meio ao mar, aquele que pinta ou escreve em meio às superfícies e tintas e canetas e peles.

A experimentação com a figuração não é imaginação, mas, sim, modos de dobrar o real sobre si mesmo e habitar seu duplo, seu contraponto. Paradoxalmente, o duplo do real é a própria dimensão de experiência de tempo passando. Um tal (contra)ponto de inflexão, onde e quando há um desvio de si mesmo. O ponto no qual, o real se espalha em tempo, em criação. Ali, onde toda e qualquer história pessoal é só efeito de superfície. Daí, Vanessa ganhar vida através do texto como sendo a encarnação e o encantamento desse corpo-docente. Importa quase nada, a interioridade-Vanessa, se a Vanessa do texto corresponde ponto a ponto, analogicamente, à Vanessa experiência de mundo. A história pessoal exerce um efeito ou está submetida a um mundo bem estreito, onde só tem valor ou validade as leis supostamente universais da razão. Por isso, o peso, a gravidade.

Interessante, porque, aqui, neste ponto de inflexão que coincide com a atualidade de toda memória, a interpretação ou a força da autoridade em fazer caber o real nos limites estreitos da pretensão de domínio e de poder, pouco nos interessa. Interessa-nos, sim, a ação; aquilo que conseguirá fazer a experiência sonhar com um desejo de potência.

*Recebido em 31 de maio de 2023.  
Aceito em 1 de agosto de 2023.*

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* Chapecó, SC: Argos, 2009.
- BRASIL. Decreto nº9.847/2019, de 25 de junho de 2019. Regulamenta a Lei nº10.826, de dezembro de 2003.
- BRASIL. Lei nº13.415/2017, de 16 de fevereiro de 2017. Altera a lei nº9.394, de 20 de dezembro. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 2017.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- BENJAMIN, Walter. A doutrina das semelhanças. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v.1).
- CAMPANHA NACIONAL PELO DIREITO À EDUCAÇÃO. Relatório. *O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil: ataque às escolas e alternativas para a ação Governamental*.
- COCCIA, Emanuele. *A vida sensível*. Cultura e Barbárie: Florianópolis, 2010.
- CASTRO, Claudia Maria de. A arte de caçar borboletas. In: SOUZA, Solange Jobim; KRAMER, Sônia (orgs.). *Política, Cidade e Educação: Itinerários de Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz. Prefácio à edição Brasileira. In: ŽIŽEK, Slavoj. *Pandemia: Covid-19 e a reinvenção do comunismo*. São Paulo: Boitempo, 2020.
- FERRETTI, Celso João. A reforma do Ensino Médio e sua questionável concepção de qualidade de educação. *Ensino de Humanidades: estudos avançados*, 32 (93), 2018.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, 5: 7-41, 2009.
- HOOKS, bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. São Paulo: Elefante, 2020.
- HOOKS, bell. *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*. São Paulo: Elefante, 2021.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MANCEBO, Deise. Consumo e subjetividade: trajetórias teóricas. *Estudos de Psicologia*, 7 (2), 2002
- MATURANA R., Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- MORIN, Edgar. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, Brasília, 2001.
- RIBEIRO, Sidarta. *Sonho manifesto: dez exercícios urgentes de otimismo apocalíptico*. São Paulo: Companhia das letras, 2022.
- SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2021.
- STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes – resistir à barbárie que se aproxima*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.